

E o Nobel da Paz vai para... Obama?!

And the Nobel Peace Prize goes to... Obama?!

FERNANDO CAVALCANTE*

Meridiano 47 n. 111, out. 2009 [p. 26 a 27]

Barack Obama é o mais novo laureado com o Prêmio Nobel da Paz. O anúncio foi feito na manhã do último 9 de Outubro no Instituto Nobel da Noruega, em Oslo. Segundo o Comitê responsável pela decisão, o mais prestigiado prêmio para a preservação e promoção da paz foi concedido ao atual Presidente dos EUA “pelos seus extraordinários esforços para fortalecer a diplomacia internacional e a cooperação entre os povos”. Com a decisão deste ano, o Comitê entrega o galardão mais propriamente como um sinal de apoio ao discurso do atual Presidente, e não como um reconhecimento às suas ações concretas.

O Prêmio Nobel da Paz, de acordo com o testamento de Alfred Nobel, deve ser entregue à pessoa que tiver feito “o maior ou o melhor trabalho pela fraternidade entre as nações, pela abolição ou redução dos exércitos permanentes e pela realização ou promoção de congressos de paz”. O prêmio consiste em um diploma, uma medalha e uma considerável quantia pecuniária, cujo valor atual é de 10 milhões de Coroas suecas (aproximadamente 2,5 milhões de Reais).

A nomeação do Comitê norueguês, contudo, mais do que apenas o reconhecimento do trabalho dos laureados, tem também um forte caráter político. Em 2006, o Comitê concedeu o Nobel da Paz ao Banco Grameen e ao seu co-fundador, Muhammad Yunus (Bangladesh), que apontaram uma perspectiva alternativa para a construção da paz from below ao estimularem o desenvolvimento econômico e social de pequenos produtores regionais por meio da concessão de micro-linhas de crédito. No ano seguinte, a agenda ambiental ganhou ainda mais peso após a premiação do Painel Intergovernamental sobre

Mudanças Climáticas e de Al Gore (EUA). Em 2008, o Nobel da Paz foi para Martti Ahtisaari, num claro reconhecimento não apenas ao longo envolvimento do ex-Presidente da Finlândia na resolução de conflitos em diversos países, mas também a um recorrente instrumento diplomático para a construção da paz: a mediação. Além do caráter político, contudo, os últimos vencedores apresentavam uma longa experiência prática, mesmo que em diferentes níveis e áreas de atuação.

Seguindo a linha dos últimos anos, portanto, a expectativa era que o prêmio Nobel deste ano fosse dedicado a algum ativista. Embora não houvesse favoritos entre os especialistas, alguns nomes eram frequentemente citados como possíveis vencedores. Os mais frequentes eram: Sima Samar, presidente de uma organização independente de promoção dos direitos humanos no Afeganistão; Piedad Córdoba ou mesmo Ingrid Betancourt, políticas colombianas que lutam contra a violenta atuação das Farc no seu país; Ju Jia, dissidente chinês; ou Morgan Tsvangirai, candidato à Presidência do Zimbábue derrotado pela máquina de opressão de Robert Mugabe.

Este ano, ao premiar um político sem experiência prévia notória em questões internacionais, o Comitê Nobel Norueguês acentuou o caráter político do seu prêmio e buscou alinhar a sua orientação política à visão de Obama de um mundo pautado pela diplomacia internacional, pelo multilateralismo e pelo abandono às armas nucleares. E não poderia ter sido de outro modo, uma vez que os dez meses de Obama à frente da Casa Branca não permitiram ao Comitê uma avaliação concreta dos resultados de suas políticas. Aliás, a própria nomeação do Presidente

* Doutorando em Política Internacional e Resolução de Conflitos pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal (fcavalcante@ces.uc.pt).

indicava neste sentido, uma vez que o prazo para a apresentação de nomeações ao Nobel da Paz foi encerrado no dia 1 de Fevereiro, apenas 11 dias após a posse do Presidente, quando tudo era expectativa decorrente da “Obama-mania”.

É certo que a vitória eleitoral de Obama foi um marco na história política dos Estados Unidos e que a sua postura em relação a diversos temas de política externa abriram a possibilidade de uma nova era na política internacional – especialmente após oito anos das trapalhadas de George W. Bush. De fato, logo nos primeiros dias da sua Presidência, Obama assumiu uma postura de maior cooperação entre as nações e uma política externa bem menos ofensiva que a do seu antecessor na Casa Branca.

Logo nos primeiros dias após sua posse, Obama determinou o fechamento da prisão de Guantánamo e proibiu terminantemente o recurso à tortura pelas agências do seu país. Da mesma forma, ele deu o tom das relações dos EUA com o mundo islâmico ao afirmar que os americanos não eram os seus inimigos. O Presidente foi ainda rápido ao nomear o ex-senador George Mitchell como enviado especial para o Oriente Médio – este, por sua vez, faria a sua primeira viagem a Israel quase que imediatamente a seguir, numa clara tentativa de retomar as conversações de paz entre israelenses e palestinos. Obama também declarou suas intenções de mudar o foco principal das ações norte-americanas do Iraque para o Afeganistão.

A consistência deste discurso seria mantida também em outros igualmente importantes temas da política externa norte-americana. O Presidente declarou que começaria “do zero” as suas relações com a Rússia, “estendeu a mão” para conversar com Mahmoud Ahmadinejad sobre o programa nuclear iraniano e abriu a possibilidade de conversas bilaterais com o regime do ditador norte-coreano Kim Jong Il.

Nenhuma dessas promessas e declarações, contudo, teve resultados concretos mensuráveis até o presente momento. A concessão do Nobel da Paz deste ano, portanto, além de ressaltar o caráter político do prêmio, confere à Obama um maior dever na promoção da paz nos próximos anos. Resta saber se o Presidente poderá responder à altura da homenagem que lhe foi prestada.

Recebido em 09/10/2009
Aprovado em 10/10/2009

Resumo: O artigo discute o significado da premiação de Barack Obama com o Prêmio Nobel da Paz.

Abstract: The article discusses the meaning of awarding Barack Obama the Nobel Peace Prize.

Palavras-chave: Nobel da Paz, Barack Obama
Key words: Nobel Peace Prize, Barack Obama

